

## 6. Considerações Finais

Em 2002 recebi um convite, uma proposta para criar um Projeto Social com crianças. Nessa época ainda era aluna de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e intercambista na capital Madrileña, na Universidade Autônoma de Madrid na Espanha. Entre sentimentos de medo e ansiedade resolvi aceitar. A única condição estabelecida na ocasião foi: depois de iniciado o projeto não poderia voltar atrás.

Já em 2004 após o aluguel de uma casa em Vila Isabel e dado início aos procedimentos burocráticos para legalização da Associação Benéficas Solidarieidade Amor e Liberdade foi iniciado o atendimento as crianças.

Mas as mulheres pensavam, das famílias também deveriam ser apoiadas: mães, tias, avós, bisavós. Mulheres donas de casa, trabalhadoras que a todo o momento tem sob sua responsabilidade o cuidado dos filhos pequenos, da educação, da formação, enfim de torná-los prontos para a vida, para o mundo.

A questão é que muitas vezes em sua ânsia de ‘acertar’ nos cuidados com a família e principalmente com as crianças essas mulheres usam métodos extremos, tornando o lar lugar de incertezas e sofrimentos.

Com esta percepção durante as atividades com crianças em que essas iam se sentindo acolhidas através de desenhos de sua participação quer sejam em atividades, gestos, brincadeiras cotidianas, elas iam ‘mostrando’ a sua dinâmica familiar. Notei que aos poucos a confiança das crianças era alcançada, faltava agora à família ser abordada de forma mais abrangente.

Aos poucos fomos criando vínculos na comunidade e estabelecendo laços de confiança mútua. Assim nasceu o Projeto Centro Social Semear e Educar de portas abertas a crianças, adultos, idosos.

As relações familiares sempre me chamaram a atenção, pois durante minha experiência ainda como educadora social com crianças na rua e crianças de abrigo pude perceber que as relações familiares com seus ‘fios esgarçados’ como bem definiu Sarti (2007) fazia das crianças suas principais vítimas.

No entanto, não se desejava promover uma caça às bruxas para encontrar ‘culpados’, mas sim sinalizar que é possível fortalecer esses fios. A intenção era

desenvolver um Serviço Social voltado para a família (crianças e adultos) buscando através de uma prática profissional libertadora e consciente restabelecer um canal de diálogo a harmonia entre pais e filhos, considerados como cidadãos de direitos.

Sendo assim, a intenção era desencadear atos, palavras, gestos para constituir um trabalho conjunto.

As atividades diárias com crianças no Centro Social Semear e Educar possibilitou a cada dia conhecer o mundo das crianças. Das quais, a maioria vinha com uma queixa familiar de rebeldia, falta de limites, falta de regras, desrespeito entre crianças e familiares mais idosos. Percebia-se na fala das mães a perda da ‘autoridade’ por parte dos pais.

Nos atendimentos individuais a equipe notava na fala dos familiares o desejo de criar e educar filhos saudáveis, porém percebia-se igualmente que desejavam uma fórmula perfeita ou uma manual de regras da educação.

Na chave da educação decidiu-se então trilhar, o caminho que não fosse a educação bancária tão criticada por Paulo Freire, (1979) mas a educação libertadora como mecanismo de mudança.

Através de atividades lúdicas e pedagógicas e de respeito à individualidade das crianças o Centro Social foi aos poucos conhecendo através do olhar infantil a dinâmica familiar e como os pequenos se viam dentro dessa família.

Sabia da importância de dar voz às crianças ou de alguma maneira fortalecê-las em sua condição de criança e de filhos para que assim pudessem verbalizar seus anseios, desejos, frustrações, medo, mas também e principalmente valorizar a infância e prazer de aprender e de construir um mundo mais justo e fraterno para viver.

A valorização da infância se dava através da valorização das brincadeiras infantis. O resgate de cantigas e de brincadeiras onde aprendem e valorizam as regras e limites, seus limites próprios, de seus coleguinhas e dos adultos com quem convivem no Centro Social e principalmente na família onde convivem.

A família esse espaço que Hannah Arendt (2007) definiu como diferenciado da *polis* pelo fato de ser o centro da mais severa desigualdade, pois ali o homem era o chefe que reinava sobre ela e seus escravos.

Ele exercia sua liberdade ao deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais no espaço público quando os sujeitos articulavam as diferenças através do diálogo.

A igualdade era a própria essência da liberdade. Ser livre significa ser isento da desigualdade presente no ato de comandar, e mover-se numa esfera sem governos ou governados.

O desafio, portanto na realidade da cotidianidade das famílias que o CSSE atingia parecia ser ultrapassar as desigualdades porventura vividas por aquelas mães, pais, avós para dar lugar a um diálogo entre os diferentes (pais/filhos).

No fazer profissional do Assistente Social lidar com a família sempre foi uma das competências preferidas. Na experiência do Centro Social a permanência do profissional desde a idealização do Projeto ainda como acadêmica e depois como prática profissional após a graduação, possibilitou a criação de novos vínculos familiares e comunitários.

Estabelecer a confiança foi o primeiro grande desafio do Assistente Social no Centro Social.

Isso somente foi possível relacionando o pensar e o agir. O conhecimento adquirido na academia de uma nova compreensão da ação, considerando a si e ao outro a dignidade de agente de ação no âmbito plural da teia de relações familiares e comunitárias atribuiu novo sentido da proposta do CSSE.

Reuniões com as famílias, visitas domiciliares, atendimentos individual. O saber ouvir essencialmente, o saber observar, estar atento ao outro para dar a atividade o poder de revelação foram fundamentais.

Acolher e respeitar as singularidades e as escolhas feitas por cada família é importante. Veja-se algumas expressões: “não queria precisar trabalhar, queria ficar em casa com meus filhos”, uma mãe e a avó disseram “nos admiramos e orgulhamos uma da outra na capacidade de cuidar dos filhos”.

Os esforços empreendidos junto as famílias e as crianças atendidas no CSSE foram em desenvolver suas capacidades para romper com o automatismo do dia a dia, possibilitando que ela dessem início a novas ações no mundo.

Seja, por exemplo, quando o pai mesmo cansado do trabalho à noite sai por alguns minutos para andar de bicicleta com o filho, ou quando a mãe passa a brincar de bonecas com as filhas, por considerar importante para o desenvolvimento das mesmas e por afirmar sentir prazer na atividade.

Quando uma mãe afirma se divertir brincando de roda com os filhos, ou de outra que depois que a filha entrou para o Centro Social diz que pôde voltar a estudar e à noite brinca de ‘escolinha’ com a filha juntamente com o marido.

Essas falas expressam, acredito eu, o que Arendt (2005) observa: ‘na ação e no discurso, os homens mostram quem são: os dons, qualidades, talentos e defeitos que alguém pode exibir ou ocultar.’

O CSSE com suas atividades junto às crianças num Projeto educativo dialógico mediatizado pelo mundo delas e de suas famílias, humaniza e transforma suas possibilidades e desenvolvimento.

O Assistente Social como agente desafiado por uma visão crítica da cotidianidade da realidade social associa suas reflexões e estudos a, uma proposta de ação constituída como espaço público onde os problemas sociais irrompem a todos seus participantes (equipe, crianças, famílias, comunidade) podem igualmente, exercitar suas capacidades humanas da ação e do discurso.

O desafio de provocar estratégias para enfrentar a distância das propostas de políticas sociais públicas que venham garantir os direitos constitucionais a essas crianças e outras famílias desse segmento participante da ABSAL continua. Novas exigências são confiadas não só ao profissional, mas a todos que participam desse ideal.

Creio que o CSSE tornado um ‘espaço público’ arendtiano pode contribuir para o exercício da cidadania do ‘direito e ter direitos’.

A experiência de uma Assistente Social não se esgota num trabalho concluído, mas prossegue com os questionamentos que dele advém. Estar atento a esses questionamentos é fundamental para construir uma sociedade mais justa e fraterna onde os cidadãos sejam conhecedores de seu papel no mundo.